

A intertextualidade lobatiana: uma viagem no tempo e no espaço

Maria Otília Farto Pereira

Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)
Caixa Postal 65 – 19806-900 – Assis – SP – Brasil

Abstract. *This work is a study of intertextuality in the youthful literature of Monteiro Lobato, an encyclopedic workmanship of highly dialogical character. On it, we present examples of the varied gamma of intertextuality forms, recouping part of the culture and human language. They are thematic, linguistic and discursive facts, fables, legends, myths, clichés, proverbs, marked in times and dispersed spaces, that promote the integration between language and literature, in a movement of retaken, allusion and opposition, circumscribing the dynamics of the cultural and linguistic patrimony of the humanity.*

Keywords. *Intertextuality; youthful literature; language; discourse.*

Resumo. *Este trabalho é um estudo sobre a intertextualidade existente na literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato, uma obra enciclopédica de caráter altamente dialógico. Nele, apresentamos uma amostragem da gama variada de formas de intertextualidade, recuperando parte da cultura e da linguagem humana. São fatos temáticos e lingüístico-discursivos, como as fábulas, as lendas, os mitos, os clichês, os provérbios e os ditos populares, retratados e marcados em tempos e espaços dispersos, que promovem a integração entre língua e literatura, num movimento de retomada, alusão e oposição, circunscrevendo a dinâmica do patrimônio cultural e lingüístico da humanidade.*

Palavras-chave. *Intertextualidade; literatura infanto-juvenil; linguagem; discurso.*

1. Introdução

A leitura da produção literária infanto-juvenil de Monteiro Lobato, por mais casual que seja, oferece uma visão ampla e variada da língua e de conteúdos temáticos, que se configuram no tempo e no espaço por processos de surgimento, manutenção e desaparecimento, tanto no plano real como no ficcional. Tais elementos, que se relacionam e se servem mutuamente, colaboram na construção da globalidade da obra e na constituição do estilo do escritor.

Numa perspectiva estilística, apresentamos uma leitura do que se convencionou chamar “Sítio do Picapau Amarelo”, atentando para fatos lingüístico-discursivos, dos quais destacamos a intertextualidade, recurso metalingüístico de presença vigorosa e variada, no contexto da obra. Baseados na afirmação de Barthes (1974, apud KOCH,

2000, p. 46) de que “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”, faremos uma amostragem da intertextualidade lobatiana, constatada num movimento de retomada, alusão e oposição, refletindo um diálogo com outros textos e com textos do próprio autor, criados em diferentes tempos e espaços.

Com efeito, a relação entre os textos e o diálogo construído a partir de elementos de um mesmo texto foi o que, segundo Koch (ibid., p. 46), levou Beaugrande e Dressler “a apontarem [a intertextualidade] como um dos padrões ou critérios de textualidade”. Na mesma linha de pensamento, Costa Val (2004), atribuindo à intertextualidade um valor conceitual, ressalta sua “eficiência pragmática no texto” e a considera elemento constitutivo da unidade lógico-semântico-cognitiva do discurso, juntamente com a informatividade e a coerência. Discorrendo sobre a intertextualidade como “princípio fundamental e indispensável na constituição de qualquer texto”, a autora esclarece:

Cada texto, como diz Bakhtin, é como um elo na grande corrente de produções verbais que circulam numa sociedade. Cada texto retoma textos anteriores, reafirmando uns e contestando outros e, utilizando sua “matéria-prima”, se inclui nessa cadeia verbal, pedindo resposta e se propondo como “matéria-prima” para outros textos futuros. (COSTA VAL, 2004, p. 116)

Chalhub (2001, p. 52), por sua vez, afirma que a intertextualidade “é uma forma de metalinguagem, onde se toma como referência uma linguagem anterior”. Para ela, “metalinguagem é sempre um processo relacional entre linguagens (e) tratando-se de literatura haverá sempre esse diálogo intertextual” (ibid., p. 52).

Tal observação nos permite compreender que a retomada de temas, como os das disciplinas pedagógicas, do mundo das fábulas, da mitologia, do folclore e da própria história universal, assim como, na linguagem, o emprego de clichês, ditos e expressões cristalizadas não funcionam como simples imitação ou paráfrase, mas como recursos de intertextualidade, um fator de expressividade na literatura de Monteiro Lobato. Trabalhos como *Histórias de Tia Nastácia*, *Fábulas* e *Os doze trabalhos de Hércules*, por exemplo, são criativas retomadas de textos ou narrativas do folclore nacional, dos contos de fadas e fábulas do mundo ocidental e da mitologia grega, respectivamente.

Da mesma forma, as façanhas narradas pela avó de Narizinho, n’*A história das invenções*, e os conteúdos de *Geografia de Dona Benta* constituem um intertexto com *O fazedor de milagres*, original escrito por Hendrik van Loon. Sem contar *Emília no país da gramática* e *Aritmética da Emília*, *O poço do Visconde* e *Viagem ao céu*, que dialogam diretamente com obras pedagógicas correntes no contexto escolar do início do século passado, na sociedade contemporânea de Monteiro Lobato.

Numa leitura especialmente voltada para os aspectos textuais da obra lobatiana, notamos entre os vários momentos de intertextualidade uma distinção que reúne, de um lado, casos com referência clara da fonte (por citação de obras ou autores da literatura universal) e, de outro, casos em que a autoria é indeterminada, como nos provérbios, ditos e expressões idiomáticas colhidos do repertório da comunidade. Ao mesmo tempo, há certa frequência de referências a narrativas que integram o conjunto de obras do *Sítio do Picapau Amarelo*, momentos de intertextualidade com o próprio texto lobatiano – ou uma intratextualidade, conforme a concepção de Koch & Travaglia (1990, p. 78). Desse

modo, numa perspectiva restrita, temos – na obra lobatiana – o diálogo com outros textos (de autoria conhecida e desconhecida) e com o próprio texto, numa dinâmica que circunscreve a relação intertextual ao interior da mesma língua.

Além disso, encontram-se, em perspectiva ampla, casos de intertextualidade como forma de diálogo entre uma língua e outra. Referimo-nos, neste caso, às traduções de termos ou expressões, espalhadas por todo o *corpus*, consideradas por Chalhoub (2001, p. 52) também um “diálogo intertextual”.

2. A intertextualidade no “Sítio”

Um exemplo específico de intertextualidade, na literatura infanto-juvenil lobatiana, que merece destaque, é a fábula da cigarra e a formiga, uma das muitas compiladas no livro *Fábulas* (1975), todo ele um caso de apropriação de discurso alheio, parte do patrimônio cultural da humanidade.

Nessa retomada, em especial, o escritor dá um tratamento novo à fábula, cujo desfecho quer contrariar. Apresenta a narrativa em duas versões: a original e a renovada, ambas sob a denominação geral de “A cigarra e as formigas”. Surge assim a primeira alteração – o acréscimo da marca de plural ao nome da protagonista, cuja atitude seria central para a renovação proposta por Monteiro Lobato. Cada uma das versões recebe um subtítulo; colocada em primeiro lugar, já sinalizando sintomaticamente para a intenção do autor, a renovada, “A formiga boa”; em seguida, a original – “A formiga má”.

Em termos estruturais, há diferenças genéricas no texto inteiro, mas a alteração mais relevante ocorre no início e no final da fábula. Enquanto a primeira (a versão renovada) sofre mudança nos dois últimos parágrafos, onde acontece a alteração do desfecho e a breve apresentação do “resultado”, a segunda (a original) ganha uma apresentação em forma de sumário, enfocando a falta de compreensão da formiga quanto ao papel da cigarra e, como conclusão, de modo esquemático, a avaliação do “resultado”, condenando a formiga vilã pela falta, “na música do mundo, do som estridente daquela cigarra”. Todavia, a alteração mais substancial na fábula fica por conta da moral, suprimida na versão renovada e modificada, na original, resumindo de maneira cristalizada e em expressão metafórica o sentido que o autor quer dar, contra o desfecho da original e em favor da arte.

Entre outros fatores que motivaram a inclusão e a renovação da fábula da cigarra e a formiga está a questão da ideologia contrária, explícita no jogo que contrapõe ambas as versões – a nova e a reformada. A opção por contrariar a moral da fábula, uma variante sugestiva no paradigma tradicional das fábulas, ainda que sob o prisma do maniqueísmo – o bem e o mal – tem o seu valor estilístico enquanto fator de transgressão de uma norma. O caráter de novidade, encontrado na dupla apresentação da fábula, confere ao conjunto das fábulas reelaborado pelo escritor um colorido e um tom especiais, mediante o recurso à intertextualidade. Por outro lado, conforme Koch & Travaglia (1990, p. 78), “a intertextualidade se estabelece também quando nos ‘apropriamos’ de provérbios e ditos populares em nossas conversas ou em nossos textos escritos, endossando-os ou revertendo a sua forma e/ou o seu sentido”. Esse tipo de operação metalingüística, presente em abundância na literatura infanto-juvenil lobatiana, vem ajustado aos fatos narrados e às circunstâncias descritas. São referências variadas de expressões, provérbios ou ditos empregados por falantes diversos, na

comunidade lingüística, até mesmo para realçar traços distintivos característicos da linguagem coloquial em voga no universo histórico e sociocultural retratado e marcado no tempo.

Como mostra de que o leitor pode ter consciência desse diálogo entre o discurso dos demais falantes com o seu próprio, Dona Benta e seus netos, nos intervalos das *Fábulas*, explicam a origem dos ditos populares:

- [...] Isso é verdade – comentou Narizinho. Não há o que a paciência não consiga. Lá na cachoeira há um buraco na pedra feito por um célebre pingo d'água que cai, cai, cai há séculos.
- E há um ditado popular para esse pingo – juntou Pedrinho: *Água mole em pedra dura tanto dá até que fura*.
- Quem faz os ditados populares, vovó?
- O povo, minha filha. Os homens vão observando certas coisas e por fim formam um ditado, um rifão, ou provérbio, ou adágio, ou dito, no qual resumem o que observaram. Esse dito do pingo d'água que tanto dá até que fura é muito bom – bonitinho e certo. (F, 1975, p. 87)

A questão do ajuste do pensamento veiculado no ditado introduzido por Pedrinho, na fala de Narizinho, parece ser representativa também do caráter pragmático e controvertido do discurso de Monteiro Lobato. O diálogo, que reflete sobre as “verdades” veiculadas nos ditados populares, aponta para o problema de sua relatividade. No caso aqui reproduzido, a própria Dona Benta admite a articulação coerente entre o dito e o fato. É um emprego do ditado como possibilidade de reflexão acerca do pensamento emprestado de outrem. Ele pode, dependendo da circunstância, ser útil ou não, além de servir de elemento de retórica, simplesmente.

Também em *D. Quixote das Crianças* (1973), aparece uma discussão sobre as possíveis origens das expressões populares. Nesse caso, Emília levanta uma hipótese da relação pragmática entre a expressão “bêbado como uma cabra” e o objeto “odre”:

- Que história de odre é essa, vovó? – perguntou Narizinho.
- Odre era um saco de couro de cabra em que na Europa antigamente se guardava o vinho. Hoje não é mais usado. O vinho é guardado em pipas, barris e garrafas.
- Ahn! – exclamou Emília. – Talvez seja por isso que o povo diz “bêbado como uma cabra”.
- Pode ser, não sei. O que sei é que cabra não bebe. A origem das velhas expressões populares é sempre muito confusa, e não me admirarei que a explicação de Emília seja adotada por algum filólogo, que são os homens que estudam essas coisas. (DQC, 1973, p. 59)

Outro exemplo de ditos populares, cuja relevância aponta para o ajuste do seu emprego a circunstâncias apropriadas, acontece num diálogo chisotoso em *D. Quixote das crianças*, quando do aconselhamento do fidalgo da Mancha ao fiel escudeiro, sobre as “atitudes mais dignas” do provável governador da ilha a ele prometida:

[...] Deves falar com sobriedade, nem demais, nem de menos; e prestar muita atenção no que diz, nunca usando palavras grosseiras ou plebéias. Deves abandonar esse hábito de ir enfiando um rifão sobre outro, como contas de rosário, venham ou não venham a propósito.

– Ah, isso há de ser difícil, meu amo, porque tenho na cabeça mais rifões do que os há nos livros. Dá aos pobres que empresta a Deus. Foi buscar lâ e saiu tosquiado. Quem quer vai, quem não quer manda. Os rifões são tantos dentro da minha cachola, que quando abro a boca eles se atropelam para sair e, afinal de contas, não constituem a sabedoria popular?

– Perfeitamente. São a sabedoria popular, quando bem empregados. Mal empregados, constituem a estupidez popular – e tu os empregas tão mal às vezes que com isso só mostras a estupidez que Deus te deu.

– Muito bem, senhor meu amo. Hei de botar tento nisso, porque Deus ajuda quem cedo madruga, e tantas vezes vai a bilha à fonte, que um dia fica lá. Ou, como diz o outro, quem se faz de mel às moscas atrai.

E o fidalgo se dá por vencido. (DQC, 1973, p. 81)

Não só as expressões, os ditos e os provérbios constituem intertextualidade, mas unidades maiores, como certos tipos de microestruturas textuais, têm o caráter dialógico, o de relacionar um texto com outro. Segundo Koch & Travaglia (1990, p. 76), temos “armazenado em nossa memória sob forma de blocos – os modelos cognitivos globais – entre os quais estão as superestruturas ou esquemas textuais, que são conjuntos de conhecimentos que se vão acumulando quanto aos diversos tipos de textos utilizados em cada cultura”. Para Koch (2000, p. 48), tais esquemas são “socialmente adquiridos, desempenham papel de grande relevância no processamento (produção/intelecção) textual”.

Em *O poço do Visconde* (1956), a opção de Emília por pagar o material encomendado à empresa americana para a construção do poço de petróleo de Dona Benta é um caso desse modelo de intertextualidade: a bonequinha, misto de fada e bruxa, apropria-se da microestrutura textual empregada nos rituais de bruxaria, um exemplo de “intertextualidade tipológica”, portanto. Eleita a responsável pela parte financeira da transação, Emília associa ao infalível faz-de-conta, que transportaria o material para o Sítio, uma evocação à magia, e assim efetua o pagamento:

– Nuvenzinhas, nuvenzonas, que cochilando passais pelo azul! Correi até a casa de Mister Mc... Mc o quê, Pedrinho?

– McGowen – gritou o menino do fundo do escritório.

– ... de Mister McGowen e despejai-lhe na cabeça uma chuva de 105.742 pingos doláricos – por conta da Companhia Donabentense de Petróleo. (OPV, 1956, p. 105)

Como casos de intertextualidade cuja característica é a retomada de textos da própria obra do autor e que, segundo Koch & Travaglia (1990, p.78), podem ser

considerados “intratextualidade”, temos os seguintes exemplos, extraídos das narrativas *Viagem ao céu* e *O saci*:

No abril daquele ano o Visconde não pôde tomar parte no repouso por uma razão muito séria: porque já não existia. Dele só restava um “toco”, aquele toco que a boneca recolhera na praia depois do drama descrito na última parte das REINAÇÕES DE NARIZINHO. (VC, 1994b, p. 8)

Pedrinho, naqueles tempos, costumava passar as férias no sítio de Dona Benta, onde brincava de tudo, como está nas REINAÇÕES DE NARIZINHO e na VIAGEM AO CÉU. (OS, 1994a, p. 12)

Outro caso de intertextualidade com recuperação de texto próprio é o efetuado por Emília, nas *Fábulas*, ao final de “A garça velha”, história contada por Dona Benta. É um modelo de intertextualidade sem referência direta ou nomeação do texto original e que exige um contato mais íntimo com a obra completa do escritor, pois “pode ser que o alocutário não (re)conheça todos os textos envolvidos na construção dos textos que ele ouve ou lê (COSTA VAL, 2004, p. 116). Tal é a discricção do caráter intertextual que nem as personagens, interlocutores de Emília, conseguem resgatar o intertexto (que é, na verdade, *O poço do Visconde*). Sem qualquer ligação direta entre elementos ou fatos daquele contexto de enunciação, Emília conclui:

– Eu não acredito nem em conselhos de amigos quanto mais de inimigos [...]. Não quero que me aconteça o que aconteceu com o Coronel Teodorico.

Ninguém entendeu. Emília explicou:

– Ele foi para o Rio de Janeiro depois da venda das terras e acabou sem vintém. Por quê? Porque acreditou nos conselhos dos amigos do seu dinheiro. Até bondes o burrão comprou! (F, 1975, p. 87)

Além desses tipos de intertextualidade mediante o diálogo com a escrita do próprio autor, há nas obras boa quantidade de exemplos em que a retomada se faz por meio de notas de rodapé, inseridas a propósito de comentários ocorrentes no corpo da narrativa. Cabe lembrar que a emissão do leitor a seus próprios textos, por meio de notas de rodapé e com referência mais ou menos explícita, no interior dos diálogos, além de enriquecer cada narrativa e promover a interação entre elas, é uma boa estratégia de *marketing* do escritor.

Após os exemplos de intertextualidade entre elementos dentro de uma mesma língua, temos os casos de tradução de termos ou expressões de línguas estrangeiras, que também constituem um diálogo entre línguas, uma intertextualidade, um tipo de procedimento bastante utilizado pelo escritor, em sua obra infanto-juvenil. Essa espécie de intertextualidade é feita por meio de traduções de termos ou expressões do inglês, do francês, do grego, do latim, do tupi guarani, confirmando a integração dos diferentes idiomas e circunscrevendo a unidade da linguagem humana. Este último, por exemplo, é bastante comum em *Hans Staden* (1972), narrativa em que há grande frequência de

termos da língua indígena do Brasil, traduzidos no próprio corpo da obra ou em notas de rodapé.

3. Conclusão

Diante do exposto, verificamos que a gama variada de formas de intertextualidade presente na obra lobatiana reflete a natureza e o vigor da linguagem e da cultura humana. Seu emprego e ajuste às circunstâncias originais criadas nos textos propiciam o alargamento dos horizontes lingüísticos e culturais do leitor e permitem a recriação da malha textual de que se constitui o pensamento e o conhecimento humanos.

Além do valor estético, como marca da identidade literária do criador do Sítio do Picapau Amarelo, a intertextualidade nele demonstrada é passível de novas leituras, novas interpretações e de uma fruição constante de tudo quanto a língua e a cultura permitem criar e recriar.

Referências

- CHALHUB, S. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 2001.
- COSTA VAL, M. G. Texto, textualidade e textualização. In: CECCANTINI, J. L. C. T.; PEREIRA, R. F.; ZANCHETA JÚNIOR, J. (org.) *Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação: Língua Portuguesa*. São Paulo: Pró-Reitoria de Graduação, UNESP, 2004 (vol. 1), p. 113-128.
- KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.
- LOBATO, J. B. Monteiro D. *Quixote das Crianças*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- _____. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1975.
- _____. *Hans Staden*. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- _____. *O povo do Visconde*. 5ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- _____. *O saci*. 56.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- _____. *Viagem ao céu*. 43.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.